

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

1290

UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013

COMPETE
2020
PROGRAMA OPERACIONAL COMERCIO E INOVAÇÃO

PORTUGAL
2020



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

(DES)IGUALDADES ENTRE MULHERES E HOMENS

Mónica Lopes, Lina Coelho

A crise da COVID-19 tem efeitos diferentes para mulheres e homens. Em Portugal, as mulheres constituem, até maio de 2020, a maioria das pessoas infetadas (58%) e dos óbitos registados (51%). E a informação sobre a evolução socioeconómica mostra que o afastamento forçado do local de trabalho, o desemprego e a perda de rendimento estão a afetar desproporcionalmente as mulheres. As especificidades desta crise e a experiência de crises anteriores permitem antecipar uma especial severidade dos impactos para as mulheres, tendo em conta a “ordem de género” vigente. A reconfiguração e o agravamento das desigualdades preexistentes desafiam-nos, pois, a pensar alternativas que mitiguem os impactos de género desta crise.

O emprego feminino concentra-se em serviços de cuidado e de atendimento direto ao público, envolvendo proximidade física entre as pessoas, o que cria uma dupla vulnerabilidade. Por um lado, as mulheres estão mais diretamente expostas à COVID-19 e a riscos de contágio. Por outro, algumas daquelas atividades são severamente afetadas pela recessão, potenciando o desemprego feminino. Acresce que as mulheres estão mais expostas do que os homens a formas de trabalho precário, menores salários e menor proteção legal e social, tornando-as muito vulneráveis a choques económicos.

O encerramento (ou horário reduzido) de escolas, creches e outros equipamentos sociais reforça necessidades de apoio a crianças e pessoas dependentes, tendo um impacto desproporcionado nas mães empregadas e, em especial, naquelas que compõem famílias monoparentais. De acordo com os papéis tradicionais de género tendem a ser as mulheres a exercer o trabalho doméstico e de cuidado

não pago. O aumento desta carga de trabalho gera efeitos nefastos para as mulheres, quer em termos de bem-estar psicossocial e saúde, quer nas perspetivas de carreira, já que as obriga a reduzir o envolvimento na esfera profissional (reduzindo horários de trabalho, interrompendo a carreira, reduzindo a sua produtividade em situação de teletrabalho).

A introdução de “lentes de género” na tomada de decisões impõe-se, neste contexto, enquanto alternativa para contrariar a tendência para o agravamento da desigualdade entre homens e mulheres. Tal estratégia envolve, nomeadamente:

- Assegurar a representação das mulheres na tomada de decisão nos diversos níveis e momentos de planeamento da resposta à crise;
- Garantir disponibilidade e acesso a dados estatísticos e informação desagregada por sexo, base indispensável para a tomada de decisões;
- Valorizar as atividades de cuidado, (mal) pago e não pago, essencial à vida e ao funcionamento harmonioso da economia e da sociedade;
- Implementar medidas de combate à segregação ocupacional e setorial e melhorar o acesso das mulheres a oportunidades de emprego de qualidade;
- Reforçar o investimento nos serviços de cuidado, apoio social, saúde e educação;
- Criar pacotes de estímulo orçamental sensíveis ao género, que assegurem uma recuperação económica igualmente benéfica para homens e mulheres;

- Desenvolver estratégias de combate a estereótipos e papéis tradicionais de género, incentivando a participação dos homens no trabalho doméstico e familiar e promovendo a mudança nos papéis de género que está a ocorrer em alguns agregados domésticos (nomeadamente nos casos em que os homens experimentam formas de teletrabalho);
- Conceder apoio excepcional às famílias afetadas pelo encerramento de estabelecimentos de ensino e outros equipamentos sociais, com particular atenção a famílias monoparentais e a pais/mães que trabalham em serviços essenciais;
- Possibilitar a redução do tempo de trabalho a pessoas com responsabilidades de cuidado sem perda de retribuição;
- Lançar bases para a concertação social em torno de novas formas de organização do trabalho (incluindo de tempo e espaço de trabalho) sensíveis às circunstâncias de mulheres e homens no contexto do “novo normal”.